

As dificuldades, da Bahia para cima

Prosseguindo a análise da situação do PMDB e dos seus candidatos a presidente e vice-presidente da República, verifica-se que não só as preferências de votos não beneficiam Ulysses e Waldir como está longe de haver coincidência entre a posição do partido e a dos candidatos, mesmo nos estados em que se apresentam com melhores índices. Somenta na Bahia Ulysses consegue o segundo lugar, com 11 pontos, enquanto Collor fica nos 39. No Ceará, com nove, está abaixo de Brizola, com 10, enquanto Collor sobe para 41. Em Pernambuco também o candidato do PMDB não passou de terceiro, cabendo a Lula a segunda posição. Os três estados são governados pelo PMDB, embora sejam notórias as defecções ocorridas depois de 1986, data da última vitória.



Na Bahia, como se sabe, o partido elegeu o prefeito da capital, mas sem o apoio do então governador Waldir Pires, que apoiou o candidato do PSDB, no qual se acolheu a dissidência mais à esquerda do seu partido, com Virgildásio Sena e Jorge Hage, hoje perplexos com a associação de Mário Covas e Roberto Magalhães. No acervo eleitoral do ex-governador, naquele ano, contavam-se os eleitores do ministro Carlos Santana, do ex-ministro Prisco Viana, do prefeito Mário Kerstesz e de outros políticos que ainda não tornaram expresso seu descontentamento com a campanha dos candidatos do PMDB. Há um volume eleitoral não negligenciável, portanto, que à direita e à esquerda emagrece o acervo peemedebista no estado. Consta que no seu programa de hoje, Ulysses Guimarães aludirá ao episódio dos cachorros que o açularam na Bahia em 1973. Naquela ocasião, o governador chamava-se Roberto Santos, uma das peças mais valiosas do atual elenco do PMDB local. É claro que a menção não será grata ao seu correligionário, que, como Waldir Pires, também é ex-ministro de Sarney.

A situação do Ceará já foi mencionada neste espaço e basicamente expõe uma inconformidade do governador Tasso Jereissati e de sua equipe mais próxima, ainda vinculados ao PMDB mas em processo de transferência para a candidatura de Mário Covas. A sustentação de Ulysses é feita pelo deputado Paes de Andrade, presidente da Câmara, e pelo senador Mauro Benevides. Como se sabe, Jereissati conseguiu eleger com muito esforço, sob a legenda peemedebista, o prefeito de Fortaleza, que por pequena margem derrotou o candidato do PDT de Brizola.

Em Pernambuco, a associação de Covas com Magalhães poderá melhorar o desempenho do governador Miguel Arraes e de seu partido em favor da chapa encabeçada por Ulysses, cuja postura tem merecido críticas do principal líder político do Nordeste. Mas a base de Arraes já não é a mesma de 1986, quando associou à força de sua liderança votos do centro e da direita, mediante acordos que, juntamente com o governador, levaram ao Senado dois políticos conservadores, um dos quais, já falecido, integrava o elenco de administradores do regime militar. De lá para cá o PMDB perdeu Recife e perdeu, para o PSDB, Egídio Ferreira Lima e Cristina Tavares e, para o PDT, Fernando Lyra. Também estão com pé fora do esquema ulysista os deputados Maurílio Ferreira Lima e Osvaldo Lima Filho. Por maior que seja o comando de Arraes, perdas desse tipo não deixam de ter importância, tanto mais quando o governador não é um entusiasta da causa.

Mas da Bahia para cima há ainda dois outros estados, escassamente nomeados aqui, nos quais os candidatos do PMDB vivem momentos de dificuldades. Um deles é o Pará, onde o governador, Hélio Gueiros, divide o comando político com o ministro Jader Barbalho. Gueiros não está feliz com o governo central, o que o predispõe a apoiar o atual Ulysses. No entanto, Belém bandeou-se para o PTB, elegendo por extraordinária maioria o prefeito Sherfan. E o ministro da Previdência não esconde sua amargura pelo veto de Waldyr Pires à sua subida ao palanque a menos que deixe o ministério. Ora, ele não vê razões para largar seu emprego e pensa deixar não só o palanque como o candidato. Jader ainda não tem opção, mas poderá seguir a que está na moda.

O Piauí é outro cenário difícil para Ulysses. Ali, o governador Alberto Silva, que já foi da Arena e do PDS e, como presidente da EBTU, foi o primeiro empregador de Heráclito Fortes, sente-se também renegado e concentra-se na política do estado, preconizando uma união para desenvolver as ricas potencialidades locais. Ele não está interessado na sucessão e lá são fortes o PFL e o PDS. O prefeito de Teresina, que hospeda em Brasília a assessoria de Ulysses, chegou ao posto emergindo do clube da *poire* e é o único ulysista convicto do estado. O Piauí, segundo se diz, *colloriu* também.

Carlos Castello Branco